

---

## A mulher em “Triste, louca ou má”: Marcas de um discurso homogeneizador

Elizete Beatriz Azambuja<sup>1</sup>  
Magna Celma Marques<sup>2</sup>  
Mateus Henrique Marques<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo refletir a respeito da circulação dos discursos na sociedade, tomando para estudo a música “Triste, Louca ou Má”, de autoria e interpretação de Juliana Strassacapa. Valemo-nos da teoria Análise de Discurso, para compreendermos os sentidos presentes na canção, recorrendo à Orlandi (2015) para pensarmos, principalmente, o funcionamento da ideologia no discurso homogeneizador de mulher e, para discutirmos acerca da dominação do masculino, trazemos Bourdieu (1999). Notamos enunciados constituídos em uma formação ideológica feminista, em que não há sobreposição entre gêneros, e outros que retomam sentidos produzidos numa posição machista, predominante em nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Mulher. Análise de Discurso. Condições de produção. Ideologia. Des-historicização.

## THE WOMAN IN “TRISTE, LOUCA OU MÁ”: BRANDS OF A HOMOGENIZING SPEECH

**Abstract:** This article aims to reflect on the circulation of discourses in society, taking to study the song "Sad, Crazy or Bad", authored and interpreted by Juliana Strassacapa. We use the Discourse Analysis theory, to understand the meanings present in the song, using Orlandi (2015) to think mainly about the functioning of ideology in the homogenizing discourse of women and, to discuss about the domination of the masculine, we bring Bourdieu (1999). We notice statements constituted in a feminist ideological formation, in which there is no overlap between genders, and others that retake meanings produced in a sexist position, predominant in our society.

**Keywords:** Woman. Discourse Analysis. Production conditions. Ideology. De-historicization.

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Estadual de Goiás, no curso de Letras do Câmpus São Luís de Montes Belos/GO. Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso; mestrado e doutorado em Linguística pelo Programa Interinstitucional em Linguística (UNICAMP/UNEMAT/CAPES). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise de Discurso. Contato: [elizete.azambuja@ueg.br](mailto:elizete.azambuja@ueg.br)

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) (2013), Especialista em Educação Infantil pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura (FABEC) (2016) e Especialista em Educação, Arte e Cultura pela UEG (2019). Atua como professora da rede Municipal de São Luís de Montes Belos - GO na Educação Infantil. Interessa-se por Análise do Discurso, Educação Infantil e cultura. E-mail: [magnamar36@outlook.com](mailto:magnamar36@outlook.com).

<sup>3</sup> Graduando em Letras Português/Inglês (2017-2020) pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Interessa-se por Literatura, Literatura Goiana e Análise de Discurso. Integrou os projetos de extensão: “Estudos de tendências da narrativa brasileira contemporânea”; “Leitura e produção de texto no centro de inserção social, em São Luís de Montes Belos”. Atualmente integra o grupo de estudos “Poesia goiana contemporânea”. E-mail [mateusmar18@outlook.com](mailto:mateusmar18@outlook.com).

## Introdução

O interesse em pesquisar acerca dos discursos, mais especificamente a circulação dos discursos em letras de músicas, surgiu ao cursar a disciplina “Canções: uma abordagem discursiva”, no Curso de Pós-graduação em Educação, Arte e Cultura, na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus São Luís de Montes Belos.

Ouvir músicas é algo tão comumente feito pelas pessoas, já que estar em contato com a arte é considerado quase que uma necessidade humana. O que acontece de diferente, quando nos propomos a fazer uma análise discursiva de uma música, é constatar que ela não está isenta da presença de discursos que, sabemos, são constituídos na relação com a língua e a ideologia.

Enquanto sujeito-mulher, sentimos a necessidade de entender o porquê das mulheres serem socio-historicamente impossibilitadas de serem plenamente elas mesmas na sociedade, colocadas num local de fala subalternizado. O que, muitas vezes, se manifesta nos discursos contidos em letras de músicas que as vulgarizam, as diminuem e as objetificam. Além das músicas que reduzem a mulher explicitamente a uma condição inferiorizada, há canções que se vendem como pro-mulher, mas que retomam alguns sentidos contraditórios.

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a circulação dos discursos na sociedade, tendo como objeto de estudo a música “Triste, Louca ou Má”, composta por Juliana Strassacapa e por ela interpretada, juntamente com o Grupo Francisco El Hombre do qual é integrante. Para o nosso estudo, valemo-nos da teoria Análise de Discurso, em sua vertente francesa.

O presente trabalho está organizado em três seções, sendo que, na primeira, apresentamos o embasamento teórico para a análise do *corpus* selecionado que se constitui pela letra da referida canção. Na seção subsequente, trabalhamos a questão da des-historização da história da mulher; da naturalização da divisão de papéis sociais entre os gêneros feminino e masculino, assim como a institucionalização da dominação masculina. Na última parte do artigo, tratamos da análise discursiva da letra da música citada, atentando-nos para as marcas linguísticas e indicações discursivas que são o objeto de nossas reflexões.

## 1 Algumas considerações sobre a teoria Análise de Discurso

Para fundamentar nosso trabalho, valemo-nos da teoria Análise de Discurso, em sua vertente de linha francesa. Ela surgiu na França, nos anos 60 do século XX, com a figura do filósofo Michel Pêcheux que é considerado o fundador desta área do conhecimento. O objeto de estudo da Análise de Discurso é o discurso que, segundo Orlandi (1996), é o efeito de sentido entre locutores.

A Análise de Discurso se relaciona com três outras áreas do conhecimento: Linguística, Psicanálise e Marxismo. Partindo do pressuposto que ela procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social, constitutivo do homem e de sua história, tendo assim, língua/sujeito/história como indissociáveis. Conforme Orlandi (2015, p.13), a Análise de Discurso “concebe a linguagem como mediação necessária entre homem e a realidade natural e social” e visa a compreensão de um objetivo simbólico que produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos.

Conforme Pêcheux (2014), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. O indivíduo é interpelado sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. Comungando com essa ideia, Orlandi (2015) afirma que o discurso é formado por certos fatores, sendo uma relação de sentidos, a partir dessa reflexão, não há discurso que não se relacione com outros discursos, ou seja, os sentidos derivam de relações. Para a autora, nossa sociedade é composta por relações de força, sustentadas no poder de diferentes locais, que se constituem por diferentes espaços de comunicação.

Ao analisarmos um texto, não podemos enxergá-lo de forma estanque do seu processo constitutivo, tendo em mente que ele é produzido a partir de um local de fala na sociedade e é imerso de historicidade, sendo assim, conforme Orlandi (1996, p.12- 13), a Análise de Discurso:

[...] ao considerar que a exterioridade é constitutiva, ela parte do texto, da historicidade inscrita nele, para atingir o modo de sua relação com a exterioridade. Considera que, se a situação é constitutiva, ela está atestada no *próprio* texto, em sua materialidade (que é de natureza histórico-social).

Ainda segundo Orlandi (1996, p.13), a teoria procura entender o processo discursivo, problematizando a atribuição de sentido, investigando, visando apresentar

tanto a materialidade do sentido tal qual os processos que constituem o sujeito, que instituem o funcionamento discursivo em qualquer texto.

De acordo com Orlandi (2008), a teoria tem como princípio a caracterização da linguagem como transformadora, como ação sobre a natureza e ação concertada com o homem. Sendo necessário para os objetivos da Análise de Discurso, compromisso pragmático da linguagem, sendo compromisso pragmático da linguagem mais especificamente marcado pelo conceito de social e histórico. No qual esse compromisso coloca a capacidade de linguagem na constituição da própria condição da espécie, já que o homem não é isolável nem de seus produtos (cultura), nem da natureza. Assim, é fundamental considerar a linguagem como interação e é nesta perspectiva que se define a relação necessária entre homem e sua realidade natural e social.

Outro aspecto importante de salientar é que o indivíduo se inscreve em uma formação discursiva, não sendo fonte e origem do discurso, visto que “[...] o sujeito que produz linguagem também está reproduzido nela, acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso, quando, na realidade, retoma um sentido preexistente.” (ORLANDI, 1996, p. 26).

Para finalizar esta seção, é importante lembrar que o fato de nos filarmos à Análise de Discurso implica tomar a linguagem como não-transparente, pois, conforme afirmam Alexandra Bressanin e Ana Maria Di Renzo (2012, p. 27), “[...] a autonomia do sujeito sobre o dizer/significar é ilusória e limita-se às relações entre discurso/história/memória. Nessa direção, os sentidos são tomados pela relação com a exterioridade.” Em outros termos, tomamos a letra da música “Triste, louca ou má”, considerando o fato de a linguagem não ser transparente e relacionamos o que está sendo dito pela autora enquanto discurso em sua indissociabilidade com o contexto sócio-histórico e ideológico.

## **2 A história de des-historização do feminino**

A mulher é uma construção  
Deve ser A mulher basicamente é pra ser Um conjunto habitacional  
Tudo igual Tudo rebocado  
Só muda a cor  
(Angélica Freitas, 2012)

O processo histórico é considerado em várias áreas das ciências humanas, visto

que é fundamental para uma melhor compreensão de um objeto de estudo, pois ao analisá-lo com um certo distanciamento temporal há uma visibilidade maior do que está sendo estudado.

Ao se falar sobre o feminino na história, há uma tendência oposta a essa importante ferramenta que é a historicização, pois nessa temática se formou uma força des-historizadora que neutraliza os sentidos do processo histórico. Como salienta Azambuja (2017, p.17), os sentidos que circulam socialmente não são eternos, mas sim eternalizados, entrando no imaginário coletivo, colocados como “naturais”. Nessa mesma direção, Bourdieu (1999, p.100) afirma que “[...] o eterno, na história, não pode ser senão produto de um trabalho histórico de eternização”. Além disso:

É contra estas forças históricas de des-historicização que deve orientar-se, prioritariamente, uma iniciativa de mobilização visando repor em marcha a história, neutralizando os mecanismos de neutralização da história. Esta mobilização marcadamente política, que abriria às mulheres a possibilidade de uma ação coletiva de resistência, orientada no sentido de reformas jurídicas e políticas, opõe-se tanto à resignação a que encorajam as visões essencialistas (biologistas e psicanalíticas) da diferença entre os sexos quanto à resistência reduzida a atos individuais ou a estes *happenings* discursivos sempre recomeçados que preconizam certas doutrinas teóricas feministas: estas rupturas heroicas da rotina cotidiana, como as ‘parodie performances’ tão caras a Judith Butler, exigem, sem dúvida, demais para um resultado muito diminuto e demasiado incerto. (BOURDIEU, 1999, p.5).

Ainda de acordo com Bourdieu (1999, p.102), a des-historicização é alheia à função comum da história, a essa é comum “particularmente descrever e analisar a (re)construção social”. Desse modo, é necessário que se reconstrua a perspectiva histórica como tal, pois, a partir do mesmo autor, desde a presença de homens e mulheres na terra há estruturas objetivas e subjetivas exercidas pela dominação do masculino, engendrando sua ordem.

Tal dominação constitui a memória discursiva e há determinados sentidos que predominam em nossa sociedade. Como o funcionamento é ideológico, podemos observar que há algumas mulheres que reafirmam essa dominação na forma de ser/estar na sociedade e alguns homens se constituem pela imagem de “homem”, ambos o fazem a partir da ideia de ser algo “natural/normal”.

Em Moraes (2005), pode-se refletir acerca da imagem de o homem-macho que socialmente exerce um domínio, pois há de modo institucionalizado a distribuição de papéis sexuais, dos quais ele que tem direito à representação e expressão. A imagem da

mulher, por exemplo, na tradição cristã é colocada como aquela que levou Adão (o homem) a pecar, sendo Eva enquanto mulher a representação do pecado.

Ao modo que esse domínio é “naturalizado”, algumas instituições contribuem para a permanência do *status quo*, enquanto aparelhos ideológicos do Estado: igreja, família e escola, como afirma Althusser (1980), cada um do seu modo e grau no contexto-sócio-histórico. A história não pode se limitar a simples reproduções das conquistas das mulheres ao longo dos anos, mas como infere Bourdieu (1999), também tem que levar em conta a reprodução e as hierarquias (profissionais, disciplinares, etc.), tais quais as predisposições hierárquicas que fazem com que as mulheres sejam excluídas e se auto-excluam de espaços a que são incisivamente restringidas.

A partir de Pêcheux (1997, p. 82-87) vemos que todo discurso é ligado a um jogo de formações imaginárias. Temos “A” como locutor, a pessoa que fala; “B” como interlocutor, a pessoa com quem se fala, e “R” como referente, o assunto falado. Assim, pode-se citar esses elementos como constitutivos do processo discursivo:

- IA (A) → imagem do lugar de A para o sujeito A, ou seja, a imagem que A tem de si mesmo
- I<sup>B</sup> (B) → imagem do lugar de B para o sujeito de B, ou seja, a imagem que B tem de si mesmo
- I<sup>A</sup> (R) → imagem que A tem do referente, ou seja, o ponto de vista de A sobre R
- I<sup>B</sup> (R) → imagem que B tem do referente, ou seja, o ponto de vista de B sobre R

É necessário enfatizar que as imagens acima descritas não são individuais, visto que são construídas sócio-historicamente. Dessa forma, a imagem que a mulher tem de si é atravessada pelo imaginário masculino de mulher.

Na sequência, apresentamos um quadro que remete à luta das mulheres no Brasil e as respectivas conquistas históricas, desde o início do período da colonização dos portugueses até 2015.

<b>A LUTA DAS MULHERES POR DIREITOS NO BRASIL</b>	
<b>DATA</b>	<b>CONQUISTA HISTÓRICA</b>
1500-1822	No Brasil colônia as mulheres buscavam direito à vida, política, à educação, direito ao divórcio e livre acesso ao mercado de trabalho.
1822-1899	Somente no império, as mulheres conquistaram o direito à educação. Contudo, o direito a participar da vida política continuava sendo um desafio.
1899-1930	No período da República Velha, as mulheres predominavam como força de trabalho na indústria têxtil, mas ainda buscavam a regularização do seu trabalho e salário igualitário em relação aos homens. Neste mesmo período, passavam a ser aceitas no serviço público e voltam a ganhar força as discussões sobre sua participação na política brasileira.
1910	É criado o Partido Republicano Feminino (PRF) que propunha promover a cooperação feminina para o progresso do país, combater a exploração relativa ao sexo e reivindicar o direito ao voto.
1928	Foi legalizado o primeiro voto feminino e eleita a primeira mulher no Brasil, para o cargo de prefeita. Ambas conquistas foram anuladas logo em seguida, mas deram ainda mais força à luta das mulheres.
1930-1945	É somente no Estado Novo que as mulheres conquistam o sufrágio feminino podendo agora participar das eleições (como eleitoras e candidatas). Em 1932, é eleita a primeira deputada federal brasileira.
1940	Conquistam o direito ao aborto seguro em duas situações: quando a vida da gestante corre perigo e em gravidez resultante de estupro.
1962	Apesar das mulheres estarem no mercado de trabalho desde a República velha, é somente em 1962 que as mulheres casadas passam a poder trabalhar sem precisar da permissão do marido. O direito ao divórcio é conquistado somente na década seguinte.
1983-1985	Na década de 80, foram implantadas as primeiras políticas públicas com recorte de gênero e primeiro Conselho Estadual da condição Feminina, em 1983, e a primeira Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher, em 1985, ambos no Estado de São Paulo.
1988	Com a Constituinte em 1988 diversas propostas dos movimentos sociais - incluindo temas relativos à saúde, família, trabalho, violência, discriminação, cultura e propriedade da terra - foram incorporadas à Nova Constituição.
2003	É criada a Secretaria de Políticas para as Mulheres, órgão federal que tem como um de seus trabalhos o ligue 180. Um canal de denúncias de casos de violência contra a mulher.
2006	É criada a <i>Lei Maria da Penha</i> , um grande marco no combate à violência contra a mulher.
2015	Sancionada a lei que torna qualificado o crime de Femicídio, homicídio realizado contra a mulher em razão de seu gênero.
<b>Fonte:</b> <i>POLITIZE</i> . Disponível em: <a href="https://www.politize.com.br/movimento-feminista/?gclid=Cj0KCQjw9JzoBRDjARIsAGcdIDV9vZFKPS_Noyivd6Z19cCz-V875erjb1mTOP77b_LBhxqELg0GMIYaAp9fEALw_wcB">https://www.politize.com.br/movimento-feminista/?gclid=Cj0KCQjw9JzoBRDjARIsAGcdIDV9vZFKPS_Noyivd6Z19cCz-V875erjb1mTOP77b_LBhxqELg0GMIYaAp9fEALw_wcB</a> Acesso em: 17 de jun/2019 às 14:49	

É interessante observar, nesta sistematização das conquistas, que a luta pelo reconhecimento da igualdade de direitos, independentemente do gênero, está presente ao longo da história de nosso país.

Monteiro (1997) enfatiza que “o homem, categoria naturalizada por séculos, se viu questionado em sua posição de maneira jamais antes vista, tanto no Brasil quanto em outros países”. Após grandes conquistas de movimentos de minorias, como o feminista, o homem se viu deslocado de sua posição institucionalizada.



### 3 Partindo para a análise discursiva da letra da música

[...] as mulheres não são um coletivo homogêneo.  
As mulheres são diferentes entre si.  
As mulheres são diversas.  
As mulheres são plurais.  
(Marlene Strey, 2011)

Em relação à música “Triste, Louca ou Má”, que escolhemos para analisar, é de autoria de Juliana Strassacapa, integrante do grupo Francisco El Hombre que a interpreta. De acordo com Natália Nunes (2017), trata-se de uma “tradução da expressão ‘sad, mad or bad’, dos Estados Unidos, usada para falar de forma depreciativa das mulheres que escolhem ficar solteiras”. Para a autora:

Essa é a explicação dada por *Juliana Strassacapa*, única integrante mulher do grupo, que decidiu fazer a música depois de ler sobre o assunto. Pensando na repetição de relacionamentos ruins que já teve e no direito da mulher ficar sozinha ou fazer o que quiser, criou junto com a banda essa música, que se tornou um hit recente do feminismo brasileiro, sobretudo depois do lançamento de seu clipe. O clipe, gravado em Cuba, contou com a participação do grupo Danza Voluminosa, composto só por dançarinas negras e gordas. (Grifos da autora).

Nesta seção, apresentamos algumas reflexões acerca da referida canção, adotando uma posição em que buscamos lidar com uma interpretação dentre outras possíveis, possibilitada pelas marcas linguísticas presentes na estrutura textual. Para isso, observamos a escolha de algumas palavras e expressões utilizadas pela autora, sem ter em mente a vontade de determinar/afirmar, mas de problematizar o modo que os sentidos se relacionam aqui, o modo que são colocados. Temos o texto como um todo significativo, pois:

Na Análise de Discurso, há uma discussão bastante produtiva quanto à relação entre texto e discurso, em que não se considera o texto como unidade estática, mas como processo de significação. Assim, ele não é definido como um conjunto de frases, pois uma palavra ou tão-somente uma letra, nessa perspectiva, pode se configurar um texto. (AZAMBUJA, 2017, p.22).

Dito de outra forma, analisamos a canção enquanto um texto constituído por discursos. Esta canção nos chamou a atenção por enxergarmos nela um discurso feminista bastante incisivo. Nesse sentido, atentamos para quem fala o quê, de que posição social e para quem, levando em conta que:



Falamos a mesma língua mas falamos diferente. Dizemos as mesmas palavras mas elas podem significar diferente. As palavras remetem a discursos que derivam seus sentidos das formações ideológicas, regiões do interdiscurso que, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. (ORLANDI, p. 78, 2015)

Observamos que a autora da canção constrói seu texto alternando a referência à mulher. No início, o tratamento é realizado na terceira pessoa do singular (ela), posteriormente, refere-se a uma segunda pessoa (tu/você), na sequência assume a voz da própria mulher, passando para a primeira pessoa do singular (eu). Ou seja, ora fala da mulher em terceira pessoa, ora em segunda, ora é a própria mulher que enuncia. Vejamos como é construído esse paralelo entre as três vozes:

Triste, louca ou má  
Será qualificada  
*Ela* quem recusar  
Seguir receita tal

Que um homem  
não *te* define

Sua casa não *te* define  
Sua carne não *te* define  
*Você* é seu próprio lar

E um homem não *me* define  
*Minha* casa não *me* define  
*Minha* carne não *me* define  
*Eu* sou *meu* próprio lar

Voltando à primeira estrofe, “Triste, louca ou má/ Será qualificada/ *Ela* quem recusar/ Seguir receita tal”, é possível perceber os adjetivos “triste, louca ou má” para classificar a mulher que sai fora dos padrões instituídos, aquela que não segue “uma receita tal”. Desse modo, a compositora menciona a prescrição de uma forma de ser, a partir de um valor, de costumes culturalmente construídos. Os sentidos presentes nestes enunciados estão relacionados ao interdiscurso, noção discursiva definida por Bressanin e Di Renzo (2012, p. 29). Para as autoras, o interdiscurso:

[...] designa o espaço discursivo e ideológico no qual se desenvolvem as formações discursivas em função das relações de dominação, subordinação e contradição. Desta forma, pensar discursivamente uma formulação, que se materializa na estrutura da língua, é tomá-la como se fossem tecidos

esburacados, é considerá-la como afetada pelo cruzamento de múltiplas ‘vozes’ que enunciam filiadas aos mais variados espaços ideológicos.

O termo “qualificada” exerce o sentido de qualificar que, segundo o *Dício* (dicionário online), é “atribuir qualidade a: classificar” e não de qualificação, de qualidade/capacidade para. Assim, a mulher que não seguir a receita será classificada como “triste, louca ou má”, isto é, faz-se uma imagem extremamente negativa dessa mulher que não seguir, conforme a própria canção, “a receita cultural/ Do marido, da família/ Cuida, cuida da rotina”.

Nessa estrofe, é explicitada a espécie de “receita” que é direcionada à mulher, que é “cultural”, “do marido, da família”, essa que direciona seu jeito de ser e agir, sentido retomado em sua ação de cuidar da rotina. “Cuida, cuida da rotina” pode ser apontado de modo crítico-indireto para esse modo de ser, que fica na repetição de ações previstas para o papel social feminino, por meio da imagem de rotina (por exemplo: de fazer e fazer, cuidar e cuidar da família) algo cansativo/ exaustivo, rotina que é ligada ao marido, à família, que é cultural.

Nessa sequência discursiva, é como se expressasse que a mulher que comunga com essa perspectiva esteja equivocada, que o correto seria desprender-se disso, que a forma de manifestação dessa receita cultural é, assim, cuidar da rotina. Daí, recorre-se ao imaginário em que mulher evoluída é a que é despreendida dos aspectos/padrões culturais se manifesta no recorte discursivo a seguir:

Só mesmo, rejeita  
Bem conhecida receita  
Quem não sem dores  
Aceita que tudo deve mudar

A mulher que fala na música “rejeita” e “só”, somente rejeita a “receita” que é “bem conhecida”, que faz parte do senso comum, que é culturalmente aceita e recomendada. A palavra “quem” remete à mulher colocada como “triste, louca ou má” que “não sem dores”, ou seja, de forma dolorida, “aceita que tudo deve mudar”, em que a ideia/imagem de aceitação se manifesta de modo contraditório, pois a mulher num primeiro momento se coloca como não submissa à fórmula estrutural da cultura. No entanto, depois ela “aceita”, colocando-se na posição de aceitar, mesmo com toda a dor,

ou seja, mesmo que seja algo sofrido, espera que as coisas mudem, ao invés de acionar uma mudança de ruptura.

A palavra “tudo” remete à forma de ser e de estar no mundo, aquilo que ela deseja que mude. A mulher quer algo novo/melhor para a sua vida, mas, comumente, tem receio do que possa acontecer, de ser julgada pela sociedade. Assim, embora sendo algo sofrido, ela estagna, esperando que as coisas mudem.

Dessa forma, observamos que a compositora da música não avança na perspectiva de romper ou, ao menos, desestabilizar uma formação ideológica machista. Contraditoriamente, a mulher se inscreve aqui no discurso machista.

Vejamos os sentidos que constituem a sequência discursiva abaixo:

Que um homem *não* te define  
Sua casa *não* te define  
Sua carne *não* te define  
Você é seu próprio lar

Podemos observar que a compositora recorreu ao advérbio de negação “não” nos três primeiros versos da estrofe citada. O eu-lírico da música retoma o sentido que determina a mulher a partir do “homem”, da “casa” e da “carne”.

Já no quarto verso, afirma para a mulher “você é seu próprio lar”. O que se nota aí é uma construção diferente, que não nega, mas que coloca a mulher de modo geral, a se tornar independente das coisas que “não a definem”, como se fosse uma fórmula universal para a mulher. A estrofe subsequente repete os mesmos quatro versos, enfatizando a não definição por elementos colocados a partir da cultura, mas que acaba reproduzindo os mesmos sentidos. Conforme Orlandi (2015 p. 81), na Análise de Discurso:

[...] há noções que encampam o não-dizer: a noção de interdiscurso, a de ideologia, a de formação discursiva. Consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz ‘x’, o não-dito ‘y’ permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de ‘x’. Isto é, uma formação discursiva pressupõe uma outra: [...]. Além disso, o que já foi dito mas já foi esquecido tem um efeito sobre o dizer que se atualiza em uma formulação. Em outras palavras, o interdiscurso determina o intradiscurso: o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva.

Em relação ao que a autora afirma, podemos pensar sobre a letra da música enquanto formulação que se atualiza e é determinada pelo interdiscurso, sustentando- se

na memória discursiva. Ainda conforme Orlandi (1996, p. 55), “na observação da determinação entre o linguístico e o social, dissemos que nada do que está na linguagem é indiferente ao sentido.”

Vejamos o funcionamento discursivo no recorte seguinte:

[...] ela desatinou  
desatou nós  
vai viver só

Há nessa estrofe um interessante intertexto com a música “Ela desatinou”, de Chico Buarque, que fala da mulher numa outra perspectiva, pois nessa música a figura feminina expressa resistência ao continuar sambando, apesar das desgraças que lhe ocorrem: “Ela desatinou, viu chegar quarta-feira. Acabar brincadeira, bandeiras se desmanchando. E ela ainda está sambando”.

Já a “mulher que desatina e desata nós”, na canção de Juliana Strassacapa, vive só, expressando um discurso geral para ocorrências individuais. Não expressa a grande diversidade de casos de mulheres que não vivem só e têm sucesso no seu modo de bem viver.

Apresentamos mais um recorte discursivo, a seguir:

[...] eu não me vejo  
na palavra fêmea:  
alvo de caça conformada  
vítima

A estrofe inicia com a alternância do enunciador, enquanto sujeito-mulher, em que aparece a posição do “eu” no meio de um enunciado que, anteriormente, apontou para a generalização em suas colocações. O “eu” presente afirma não se sentir representada na palavra “fêmea” que comumente é dicionarizada como “alvo de caça”, “conformada”, “vítima”, como é possível constatar no estudo lexicográfico de Araújo e Borba (2010, p. 44):

Se observarmos os verbos e expressões ligadas às acepções dadas à palavra mulher, veremos que sempre estão ligados às funções familiares e reprodutoras da mulher, visto que se referem a ‘conceber’, ‘cuidar’, ‘trabalhar’, dentre outros. Além disso, a mulher é sempre ‘considerada’, isto é, vista a partir de outro olhar, designado a partir de conceitos ‘dados’ a ela. Diferentemente do homem que é sempre dotado de atributos e qualidade, a

mulher é apenas considerada e seus conceitos e significados derivam-se da ideia de outrem e não de sua própria essência.

Observemos a sequência discursiva abaixo e os sentidos que a constituem:

Prefiro queimar o mapa  
traçar de novo a estrada  
Ver cores nas cinzas  
E a vida reinventar.

Por conta da não representatividade do “eu” nos sentidos comumente designados para palavra “fêmea”, a voz que fala na música prefere “queimar o mapa”, “traçar de novo a estrada”, ou seja, buscar uma outra forma de ser para si, que não a anule, determine ou a diminua. A imagem que se faz da mulher na sociedade predominantemente machista é de morte, de inviabilidade de ser de modo pleno, mas que, ao buscar uma perspectiva distinta, a mulher poderá “ver cores nas cinzas” “e a vida reinventar”.

A letra tem duas estrofes finais que são repetidas, como podemos ver, logo abaixo, fazendo a marcação da indefinição pelo “homem”, “casa”, “carne” e da mulher que necessita estar só, romper com tudo para se constituir enquanto sujeito do gênero feminino. É interessante observar que neste gesto de interpretação e “não se imaginar neste lugar é tentar apagá-lo, o que é uma ilusória tentativa, pois ao passo em que quer dele livrar-se, este já o constitui.” (NASCIMENTO; SCALIANTE, 2016, p.116).

[...] e um homem *não* me define  
minha casa *não* me define  
minha carne *não* me define  
eu sou meu próprio lar

ela desatinou  
desatou nós  
vai viver só

De acordo com Strey (2011, p. 15), “lemos e ouvimos diariamente frases e ideias que começam com ‘a mulher’, ou seja, são frases e ideias que consideram que existem conceitos que podem englobar todas as mulheres, razão pela qual o termo mulher é usado no singular.” Na reflexão produzida, a autora traz à tona a generalização do termo “mulher” e chama a atenção para o seguinte fato:

*Poucos são os aspectos compartilhados por todas as mulheres – a própria biologia supostamente compartilhada por todas não pode ser considerada em si mesma, pois, dependendo de múltiplos aspectos (culturais, religiosos, étnicos, econômicos, geográficos, etc.), essa biologia se apresentaria também de múltiplas maneiras. (grifos nossos).*

No texto como um todo, não vemos qualquer referência às diferenças de classes sociais, por exemplo. Como vimos, a letra camufla as distinções econômicas, geográficas, étnicas, dentre outras, que constituem a nossa sociedade. Podemos dizer que há um silenciamento a respeito de todos esses aspectos, produzindo um efeito, como dissemos, de homogeneização.

### **Considerações finais**

A partir da análise realizada, pode se inferir que o discurso que se apresenta na letra da música analisada, assim como todo discurso, é constituído pela ideologia. Os efeitos de sentidos que observamos na referida letra, enquanto um texto a ser analisado, de algum modo estão em desacordo com o que aparentam numa leitura superficial.

Muitas vezes, por interesse mercadológico, há músicas que estão em alta, por apresentarem um simulacro de discursos de resistência ao que está (im)posto em nossa sociedade, pois têm um potencial atrativo e comercial direcionado a um público que não se enquadra em uma perspectiva conservadora, mas que é consumidor.

Com a contribuição da leitura do artigo de Natália Nunes (2017), “Triste, louca ou Má(llu Magalhães)”, constatamos que a letra não apresenta, efetivamente, grandes novidades em relação às ideias feministas. O discurso na música é marcadamente homogeneizador, não apontando para a pluralidade do gênero feminino. Além disso, sentidos de uma sociedade conservadora são reafirmados quando são retomados o papel de subordinação da mulher e a predominância da dominação masculina em espaços (igreja, família, escola).

Assim, é importante problematizar o modo pelo qual os discursos são des-historicizados e reproduzidos em nossa sociedade. Por exemplo, pode trabalhar com letras de músicas, constituindo a sala de aula como espaço para reflexão de diferentes gêneros textuais, entre eles o gênero musical, contribuindo para desenvolver a criticidade dos alunos a respeito dos sentidos que circulam através das músicas que, geralmente, são ouvidas sem quaisquer questionamentos. Nessa perspectiva, é

fundamental que se reflita sobre os sentidos (im) postos, levando em conta a relação de constituição sócio-histórica e ideológica.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Queluz de Baixo, Barcarena: Presença, 1980. Disponível em: <<http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/livros-diversos/os-aparelhos-ideologicos-de-estado.pdf>> Acesso em: 20 de agosto de 2019, às 11:00.

ARAÚJO, Jaqueline; BORBA, Lucas. **Homem e Mulher dicionarizados**: uma questão discursiva. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Letras) - Universidade Estadual de Goiás, São Luís de Montes Belos, 2010.

AZAMBUJA, Elizete Beatriz. **“Hipercorreção”**: vestígio de resistência ao preconceito linguístico. São Leopoldo: Oikos; Anápolis: Editora UEG, 2017.

BRESSANIN, Alexandra; DI RENZO, Ana Maria. Sem fé, lei ou rei: sentidos para o índio. In: MALUF-SOUZA, Olímpia; SILVA, Valdir; ALMEIDA, Eliana de (*et. al*). **Redes discursivas**: a língua(gem) na pós-graduação. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 09 de junho de 2019 às 08:37.

FREITAS, Angélica. **A mulher é uma construção**. Disponível em: [http://www.antonimiranda.com.br/Iberoamerica/brasil/angelica\\_freitas.html](http://www.antonimiranda.com.br/Iberoamerica/brasil/angelica_freitas.html) . Acesso em: 09 de junho de 2019 às 13:12.

LETRAS. **Ela desatinou-Chico Buarque**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45130/>>. Acesso em: 09 de junho de 2019 às 11:03.

LETRAS. **Triste, louca ou má-Francisco El Hombre**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/francisco-el-hombre/triste-louca-ou-ma/>>. Acesso em: 09 de junho de 2019 às 09:05.

MONTEIRO, Marko. **A perspectiva do gênero nos estudos de masculinidade: uma análise da Revista Êle Ela em 1969**. Disponível em: <<http://www.artnet.com.br/~marko/artigo.html>>, 1997. Acesso em: 08 de junho de 2019 às 09:15.



MORAES, Magna. Humor, machismo e linguagem: a interdiscursividade entre o lúdico e o autoritário em piadas machistas. In: COSTA, Nelson (Org.). **Práticas Discursivas: exercícios analíticos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

NASCIMENTO, Celina A. G. de Souza; SCALIANTE, Daniele C. Representações discursivas em cartas de internas: subjetivação e exclusão na escrita de si. In: BARROS, Renata C. Bianchi; CAVALLARI, Juliana S. (Orgs.) **Sociedade e diversidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

NUNES, Natália Leon. **Triste, louca ou Má(llu Magalhães)**. Disponível em: <http://www.chicpop.com.br/single-post/2017/07/21/Triste-louca-ou-Mallu-Magalh%C3%A3es>

ORLANDI, Eni. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2015.

\_\_\_\_\_. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1996.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2014.

\_\_\_\_\_. **Análise automática do discurso**. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradutores Bethânia Mariani (et al.). Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1997.

STREY, Marlene Neves. Vida de mulher: isto dá muitas histórias. In: STREY, Marlene N.; PIASON, Aline da S.; JULIO, Ana Luiza dos S. **Vida de mulher: gênero, sexualidade e etnia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.